

Líderes governistas sem comando

atuam desarticulados no Congresso

19 FEV 1995

JORNAL DE BRASÍLIA

Fotos: Geraldo Magela

A negociação política do pacote de emendas constitucionais enviadas ao Congresso pelo presidente Fernando Henrique Cardoso começou em ritmo de Torre de Babel, com líderes governistas nomeados de última hora sem conhecer o teor das propostas e um pequeno exército de aliados sem comando definido tentando se entender, mas falando linguagens diferentes. Juntando-se os três novos líderes do Governo (na Câmara, Luiz Carlos Santos, no Congresso, Germano Rigotto e no Senado, Elcio Álvares), aos vice-líderes que serão nomeados, aos dez líderes dos cinco partidos da base governista nas duas Casas, além do Conselho Político integrado pelos presidentes dos partidos, do vice Marco Maciel e da assessoria política que será montada no Gabinete Civil, o núcleo de articulação do Presidente chega a mais de 30 pessoas.

“Não sei se esse esquema de articulação vai dar certo, pois é muito cacique para pouco índio. Se o líder do Governo no Congresso, por exemplo, quiser reunir todos os articuladores para elaborar uma estratégia de aprovação de uma emenda, vai ter que pedir o auditório da Esaf para caber todo mundo”, observa o deputado Moreira Franco (PMDB-RJ).

Coordenador — Integrantes desse grupo de articulação, um líder repetia esta semana a velha reivindicação por um coordenador político, uma única pessoa para comandar esse batalhão. “Eu ainda não sei para quem ligar no Palácio do Planalto. Afinal, não posso ficar ligando para o Presidente a toda hora”, reclamava o parlamentar, admitindo estar perdido no meio da negociação.

Perdido mesmo esteve o trio



Germano Rigotto: “Eu não sei de nada, não posso dizer nada”

Rigotto-Luiz Carlos Santos-Elcio Álvares no dia da entrega das emendas ao Congresso. Depois de uma acirrada disputa de bastidores, os dois primeiros tiveram seus nomes confirmados de véspera, num esquema em que suas funções ficaram nebulosamente confudidas. Ál-

vares, por sua vez, fora avisado na noite anterior e teve seu nome anunciado como líder no Senado na mesma entrevista em que o Presidente apresentou as emendas. “Eu não sei de nada, não posso dizer nada. Qualquer coisa que eu diga agora pode mudar amanhã”, defendia-

se Rigotto, que tomou conhecimento do teor das propostas que terá que defender ao mesmo tempo em que o resto do Congresso.

“Não tive tempo para me preparar, ler os estudos, acompanhar a elaboração das propostas”, lamentava Elcio Álvares, que teve que viajar para o Espírito Santo e “mergulhar” durante as duas semanas em que amargou a dúvida sobre o convite para líder.

Tropeços — O “efeito-Babel” já se fez sentir nas primeiras reuniões para discutir a tramitação das emendas. Em encontro de todos os líderes aliados no Palácio do Planalto, ficou combinado que o regimento da Câmara seria modificado para permitir que sessões extraordinárias possam ser contadas para efeito de prazo de tramitação das emendas, acelerando sua votação. Enquanto Rigotto anunciava essa proposta — de autoria do líder do PMDB, Michel Temer —, em outro canto do Congresso o presidente da Câmara, Luís Eduardo, afirmava que não tomará iniciativa nesse sentido. Outros pefelistas informavam que seu partido não quer alterar as regras do jogo agora.

Outra proposta, à idéia do líder do PSDB no Senado, Sérgio Machado, de que algumas das próximas propostas a serem apresentadas comecem a tramitar pelo Senado, a fim de agilizar a reforma, também trombou na oposição de outros líderes, como o peemedebista Jader Barbalho. Ao mesmo tempo, o Palácio do Planalto propõe que senadores comecem a acompanhar a discussão das matérias na Câmara para que não sejam modificadas no Senado, mas os senadores reagem. Com isso, o pacote ainda não saiu da estaca zero.